

APRESENTAÇÃO

Chegamos ao número 3 da RBPJ: Revista Brasileira de Prática Jurídica, produzida pela DAJ – Divisão de Assistência Judiciária Prof. Paulo Edson de Sousa da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

O volume ainda condensa produção do período da pandemia, avançando pelos anos de 2021/2022.

A variedade temática dos artigos que compõem esta edição representa o que há de mais viçoso na vocação da RBPJ: constituir um espaço aberto para o exercício da escrita que consigne a pesquisa dos jovens e das jovens vindos de vários centros de formação em direito.

Não se deve exigir que os artigos agrupados numa revista forneçam solução para os problemas do mundo, para os conflitos do mundo (os já existentes, os que ainda não divisamos). O melhor é que eles formulem indagações e levem os leitores para a curiosidade do muito que sempre há a aprender. A ideia de prática dos processos de aplicação do direito, ou seja, da prática jurídica lança-se na miscelânea das propostas acolhidas como essa dimensão fundamental da dúvida epistemológica.

Qual é o papel da memória na interpretação da situação jurídica de pessoas já falecidas? De que modo a trama dos contos de fada pode ser revista no Código Penal Brasileiro? A estereotipagem e os preconceitos raciais e de classe são relevantes nas ocorrências de homicídios por auto de resistência? A circunstâncias sociais concretas podem e/ou devem ser consideradas na dosimetria da pena? Qual é a contribuição do conciliador nos juizados especiais criminais? Qual é a interpretação do conceito de *resíduo* no Tribunal de Justiça da União Europeia? Como se situa a responsabilidade do autor por conteúdo disponibilizado por terceiro na internet?

Em *Impurezas do branco*, Carlos Drummond de Andrade traz um poema chamado *Declaração em juízo*. Ele se apresenta como um sobrevivente deixado a si mesmo, “perplexo, desentranhado”. E termina desesperançado prevendo que “tudo se resolva sem escândalo / ante a justiça indiferente”: “Acabo de notar, sem surpresa:/ não importa que um sobrevivente / venha contar seu caso, defender-se/ ou acusar-se, é tudo a mesma/ nenhuma coisa, e branca.” (ANDRADE, Carlos Drummond. *As impurezas do branco*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974, p. 26-29).

Talvez as reflexões do sobrevivente drummondiano não sejam as melhores para expressar a alegria de ver mais um número da RBPJ aberto ao acesso dos leitores e das

Apresentação

leitoras. Mas é que a certeza de que tudo é diferente, de que nada é a mesma coisa só pode ser demonstrada quando se começa com o surpreendente das perguntas e se termina com o irrespondível da vida traduzida em relato. Acreditar nas promessas da escrita dos jovens e das jovens nesta Revista é o que justifica a esperança numa justiça que pontua a diferença na construção sempiterna da igualdade entre os seres humanos. Numa justiça que não nos deixe isolados em nós mesmos, mas que nos congregue uns(umas) aos(às) outras por meio dessa coisa tão humana e sempre por fazer que é o direito.

Boa leitura. E que venham as outras edições.

Profa. Mônica Sette Lopes

Diretora-Editora